

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional, Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Belo Horizonte – Minas Gerais

Maria Cristina Rosa

Universidade Federal de Minas Gerais, Escola
de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional, Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Belo Horizonte – Minas Gerais

RESUMO: Discute-se como a diversão poderia ser compreendida como loucura, levando pacientes à internação no Hospital Colônia de Barbacena, no período entre 1934 e 1946. O Hospital Colônia foi escolhido para estudo por ser o primeiro hospital psiquiátrico público de Minas Gerais. Neste Hospital destaca-se pela frequente internação de pacientes que não eram doentes mentais e estavam ali por outros problemas. O recorte temporal, de 1934 a 1946, foi selecionado devido ao contexto médico vivenciado durante a Era Vargas (1930-1945) em que a gestão de Gustavo Capanema no Ministério dos Negócios de Educação e Saúde; o Serviço de Doenças Mentais (SDM) e os ideais médicos da Liga Brasileira de Higiene Mental (1935 a 1946) contribuíram para a internação de

praticantes de divertimentos ilícitos no Hospital Colônia de Barbacena. A metodologia envolve pesquisa historiográfica, embasada na História Cultural. A população pesquisada inclui novos pacientes internados no Hospital, entre 1934 e 1946.

PALAVRAS-CHAVE: Diversão, Doença; Loucura; Internação.

RELATIONS BETWEEN SPREE AND DISTEMPER: REVIEW OF THE HOSPITALIZATION AT THE HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 TO 1946

ABSTRACT: Discussion of how spree could be understood as madness, taking patients to hospitalization in the Hospital Colônia of Barbacena, between 1934 and 1946. The Hospital Colônia was chosen for study because it is the first public psychiatric hospital of Minas Gerais. In this Hospital was frequent the admission of patients who were not mentally ill and were there for other problems. The period, from 1934 to 1946, was selected due to the medical situation experienced during the Vargas Era (1930-1945) in which the management of Gustavo Capanema in the Ministério dos Negócios de Educação e Saúde; the Serviço de Doenças Mentais (SDM) and medical ideals of the Liga Brasileira de Higiene Mental (1935-1946) contributed to the admission of illicit

amusements practitioners in Hospital Colônia of Barbacena. The methodology involves historical research, based on the Cultural History. The research population includes new patients admitted to the Hospital, between 1934 and 1946.

KEYWORDS: Spree, Distemper; Madness; Hospitalization

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, intitulada *Diversão, doença e Internação no Hospital Colônia de Barbacena, 1934 a 1946*. Pretende-se aqui realizar discussões iniciais a respeito de como a diversão poderia ser compreendida como loucura, levando pessoas à internação no Hospital Colônia de Barbacena, no período compreendido entre 1934 a 1946.

O Hospital Colônia de Barbacena foi escolhido como objeto de estudo por ser o primeiro hospital público especializado em psiquiatria do estado de Minas Gerais, servindo de modelo para gestão de outros hospitais no país, tendo mais de 113 anos de história.

No Hospital Colônia era comum a internação de pacientes que “não eram doentes mentais e estavam ali por outros problemas, que não a necessidade de tratamento médico-psiquiátrico” (MAGRO FILHO, 1992, p. 138-139). Afinal, 70% dos pacientes encarcerados nesse hospital entre as décadas de 1930 e 1970 não apresentavam problema mental (ARBEX, 2013).

A compreensão da relação entre o divertimento e as doenças mentais por meio do estudo da internação de pacientes no Hospital Colônia de Barbacena pode ampliar as discussões sobre a loucura e as motivações para a internação de pacientes.

Os divertimentos ilícitos ou divertimentos inadequados (termo em oposição aos divertimentos adequados de Victor Melo (2011, p.71)), são aqueles que abarcam práticas realizadas no tempo/espço que se opõem à saúde, à produtividade e a legalidade, contemplando a predominante busca pelo prazer, “muitas vezes associada aos vícios” (ROSA, 2005; MELO, 2011; SOUZA, 2010). Já a loucura é considerada a impossibilidade de seguir as regras sociais e de compreender a necessidade e as benesses do trabalho, demandando “a institucionalização de novos espaços terapêuticos, como colônias agrícolas, reformatórios, manicômios judiciários, ambulatorios” (PORTOCARRERO, 2002, p.9).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, está sendo realizado um trabalho historiográfico, sob a perspectiva da História Cultural (BURKE, 2005; PESAVENTO, 2012) tendo como aporte teórico obras de Michel Foucault. As fontes escolhidas para estudo situam-se em três arquivos principais: o 1) Arquivo Histórico Municipal Professor Altair José Savassi (AHMPAS); 2) Núcleo de Estudos e Pesquisa (NEP) e 3) Museu da Loucura de Barbacena, estes últimos pertencentes à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG).

O recorte temporal, de 1934 a 1946, foi definido devido ao contexto médico e

político vivenciado neste momento, tendo início a partir de 1934, quando da criação do Decreto nº 24.559 de 3 de julho de 1934, durante a Era Vargas e encerrando-se em 1946, quando do fim da gestão de José Cezarini, um dos mais controversos gestores que o Hospital Colônia de Barbacena já teve (DUARTE, 1996).

A população pesquisada inclui os “novos entrantes”, ou seja, os novos pacientes internados no Hospital Colônia, no período compreendido entre 1934 e 1946, de qualquer sexo, idade e estado civil.

2 | MEDICALIZAÇÃO DA DIVERSÃO

Durante o século XX havia uma compreensão higienista e, por vezes, eugenista, de que determinadas práticas de diversão não eram benéficas à população e que seus praticantes deveriam ser apartados do convívio social e medicalizados teorias apresentadas nos trabalhos de Duarte (1996), Macedo (2006), Magro Filho (1992) e Piccinini (2015). Esta compreensão reforçou múltiplos interesses sociais, políticos e médicos, que permitiram a internação de pacientes no Hospital Colônia de Barbacena.

Uma das organizações mais influentes para propagação desta compreensão foi a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) fundada em 1923, por Gustavo Riedel. A Liga era uma entidade civil, financiada pelo governo federal, composta pelos “mais importantes psiquiatras brasileiros”, (SEIXAS; MOTA; ZILBREMAN, 2009, p. 82) e tinha o objetivo de melhorar os serviços psiquiátricos brasileiros, modernizando o atendimento aos pacientes, que se encontravam reclusos em asilos superlotados, com baixo índice de sucesso terapêutico (PICCININI, 2015).

A princípio, a LBHM orientava-se pelo pensamento higienista, que propunha melhorias sanitárias para costumes e modos de vida da população. A partir de 1926, influenciados pelo contexto político do entre guerras e pelas teorias eugenistas insurgentes, os conceitos de higiene mental se modificaram. De 1935 a 1946, a parte eugenista da Liga assume a direção da instituição e, inspirada pelo contato com alemães, franceses e norte-americanos, “passa a pregar o aperfeiçoamento da raça” (MAGRO FILHO, 1992, p. 138-139; COSTA, 1989), numa “clara tentativa de ‘normalizar’ a população” (SEIXAS; MOTA; ZILBREMAN, 2009, p. 82).

Os ideais médicos eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental influenciaram o tratamento psiquiátrico em Minas Gerais, a partir de 1927. A Liga estava preocupada com a assistência aos menores, campanhas contra o alcoolismo e o desaconselho do casamento entre deficientes (MAGRO FILHO, 1992). Neste momento há uma ampliação na qualidade dos pacientes contemplados por tratamento psiquiátrico, incluindo alcoólatras e pessoas que não agradavam a sociedade, dentre elas aquelas que praticavam divertimentos, muitas vezes ilícitos.

O Decreto nº 24.559 de 3 de julho de 1934, promulgado durante a Era Vargas, foi baseado nos ideais eugenistas da Liga Brasileira de Higiene Mental e possibilitou a internação de usuários de drogas e álcool, além de pessoas que apresentavam

determinados comportamentos, estado de abandono, reações perigosas, ameaças à própria vida ou a de outrem, perturbação da ordem pública ou ofensa da moral pública.

Quando Getúlio Vargas assumiu o poder e deu início a Era Vargas (1930-1945), Gustavo Capanema responsabilizou-se pela pasta do Ministério dos Negócios de Educação e Saúde, centralizando o “modelo psiquiátrico baseado na expansão das colônias agrícolas e dos macro-hospitais” (DUARTE, 2009, p. 47).

Ainda no governo de Vargas foi criado em 1941 o Serviço de Doenças Mentais (SDM) que coordenava, normatizava e fiscalizava os serviços de assistência psiquiátrica em todo o Brasil. Seu primeiro gestor, Adauto Botelho (1941- 1954) traçou um plano de ação que envolvia uma série de mudanças nas legislações que tratavam da internação de pacientes em hospitais psiquiátricos; a construção de novos hospitais-colônias e a criação de impostos destinados à assistência dos psicopatas e a higiene mental; além da formação de técnicos especializados (DUARTE, 2009, p. 48), o que impactou no aumento do número de pacientes internados no Hospital Colônia de Barbacena.

A concepção médica de loucura vivenciada nas décadas de 1930 e 1940 estava calcada em exigências sociais e políticas que discriminavam os praticantes de determinados divertimentos, fazendo com que características culturais, como percepções de moral e bons costumes, ditassem o que seria considerado como patologia mental ou não. Isto provocava a internação de pacientes que não necessitavam de tratamento médico-psiquiátrico (MAGRO FILHO, 1992).

Os loucos desta época eram os destituídos de razão, mas também “degenerados... sifilíticos, alcoólatras, criminosos, homossexuais, prostitutas” (PORTOCARRERO, 2002, p.9). Determinadas práticas, realizadas no tempo livre, como bebedeira, prostituição, uso de drogas, libertinagem e jogatina eram inseridas na perspectiva dos divertimentos ilícitos e seus praticantes poderiam ser classificados como loucos, sendo, portanto, passíveis de internação em estabelecimentos de saúde, como o Hospital Colônia de Barbacena.

Nestas décadas a reclusão dos pacientes loucos era uma medida profilática muito usual, sendo considerada “não apenas como fator de cura, mas também como prevenção de contágio para a sociedade” (MAGRO FILHO, 1992, p. 138-139). Apesar de existirem pessoas internadas que não eram doentes mentais, determinados comportamentos, incluindo divertimentos ilícitos, eram considerados patológicos não saudáveis e por isso as pessoas eram internadas (MAGRO FILHO, 1992).

3 | BREVE HISTÓRICO DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

No Brasil até o fim do século XVIII a loucura ainda não tinha sido medicalizada e o comportamento do louco não era considerado como patológico, mas a partir do século XIX a psiquiatria começará a se constituir (MAGRO FILHO, 1992).

Criado no ano de 1903, com o nome de Assistência aos Alienados (a partir dos decretos: n.º 508, de 21 de junho de 1890, que aprova o regulamento para a

Assistência Médico-Legal de Alienados; n.º 896, de 29 de junho de 1892, que consolida as disposições em vigor relativas aos diferentes serviços da Assistência Médico-Legal de Alienados; n.º e 1.579A, de setembro de 1903, que Aprova o Regulamento que organiza a Assistência a Alienados; além da Lei estadual n.º 290, de 16 de agosto de 1900, que criou a Assistência aos Alienados de Minas Gerais), o Hospital Colônia localizava-se em uma área de “400.000m², sendo 5.000m² de mata virgem” (DUARTE, 1996, p. 172), pertencente à Fazenda da Caveira de Cima, que foi Joaquim Silvério dos Reis, o traidor da Inconfidência.

A origem do Hospital recorda o governo de Chrispim Jacques Bias Fortes, presidente do Estado de Minas Gerais entre 1894 e 1897, momento em que houve a mudança da capital do estado. Barbacena foi cogitada para ser a nova capital de Minas, porém foi preterida em relação à Belo Horizonte. Como “prêmio de consolação” a cidade foi agraciada com a instalação da Assistência aos Alienados de Minas Gerais, que a partir de 1934 passou a se chamar Hospital Colônia de Barbacena.

Os objetivos para a instalação do manicômio em Barbacena foram dois: retirar pessoas indesejáveis da nova capital, Belo Horizonte, afastando-as do centro urbano, e criar empregos em Barbacena, mediante o preenchimento de vagas no hospital, por indicação política (DUARTE, 1996).

4 | OS PACIENTES DO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA

O Hospital Colônia de Barbacena foi inicialmente projetado para abrigar 200 alienados vindos de diversas cidades de Minas Gerais (DUARTE, 1996). Nas primeiras décadas do século XX, o Hospital tratava doentes mentais agudos vindos de outras cidades de Minas Gerais e abrigava loucos crônicos, incuráveis, insanos tranquilos e/ou alcoólatras convalescentes (DUARTE, 1996).

No ano de 1922 foi construído um novo setor do Hospital Colônia de Barbacena, denominado Asilo Colônia. Foram construídos dezesseis pavilhões anexos, em uma área de oito milhões de metros quadrados, que ficaram prontos até meados da década de 1940. Apesar do investimento na ampliação do Hospital, em 1929, sete anos após o início das obras, ele abrigava 1.650 pacientes, quase três vezes a sua capacidade naquele momento (DUARTE, 1996).

Em 1934, sob a direção do alienista José Jorge Teixeira, o Hospital foi ampliado novamente, recebendo dois novos galpões e melhoramentos no abastecimento de água (DUARTE, 1996), passando a se chamar Hospital Colônia de Barbacena, apesar de já funcionar no modelo de hospital-colônia, desde 1911. Entre os anos de 1934 e 1946, o Hospital recebeu, em média, 2.051 novos pacientes por ano, vindos de municípios de todo o Brasil e exterior.

Apesar do Hospital Colônia, desde sua criação, ter sido referência para a internação de doentes mentais, de Minas Gerais e de fora do estado, não era comum a internação de doentes barbacenenses no Hospital (PASSOS, *et al.*, 2007). Os

loucos pobres que perambulavam por Barbacena conviviam bem como a população (PASSOS, *et al.*, 2007), já os loucos das famílias abastadas eram internados fora da cidade passando despercebidos.

As internações de pessoas de outros municípios do estado de Minas Gerais e do Brasil, estavam em acordo com os ideais sociais e médicos das décadas de 1930 e 1940, reafirmando a teoria eugenista “que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos” (ARBEX, 2013, p. 21). No Hospital Colônia também eram internados estrangeiros: italianos e alemães (DUARTE, 1996), trazidos para o município esperando encontrar tratamento.

Pacientes praticantes de divertimentos ilícitos eram internados no Hospital Colônia de Barbacena, desde sua criação. No entanto, entre as décadas de 1930 e 1940, o hospital passou a abrigar ainda mais pacientes com essas características, devido a mudanças em legislações federais e estaduais. Nesta época muitos dos internos deste Hospital eram classificados como alcoólatras, apostadores, prostitutas, homossexuais, histéricos, gatunos, nervosos, neurastênicos, paranoicos, psicopatas, psicóticos, drogadictos, surdos-mudos e mesmo não-loucos (DUARTE, 1996).

Havia no Hospital Colônia de Barbacena uma expressiva quantidade de internações de pacientes alcoólatras, histéricos, maníaco-depressivos, não loucos ou que não tiveram suas doenças diagnosticadas no momento de suas internações, totalizando 49% dos pacientes internados, no período compreendido entre 1922 a 1946 (DUARTE, 1996). O hospital também recebia indivíduos com desvios de conduta, que praticavam pequenos delitos (DUARTE, 1996, p. 135).

Em 1934 o Hospital foi visitado pelo famoso escritor Guimarães Rosa, que atuou como médico da Polícia Militar de Minas Gerais. Guimarães Rosa retrata, em seu conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, lançado em 1962, a situação calamitosa do “Trem de Doido” ou “nau dos loucos”, que chega ao Hospital Colônia de Barbacena, trazendo pacientes (ROSA, 1985). Neste trem noturno, pacientes de diversas regiões vinham de mãos e pés amarrados, acompanhados por policiais ou guardas de instituições. Eles desciam na estação de trem denominada Sanatório, e dali seguiam a pé até o Hospital Colônia (DUARTE, 1996); seminus e sob o frio e o vento.

Somente em 1941, quando a estação Sanatório encerrou suas atividades e os loucos começaram a descer “na estação principal, no centro de Barbacena, distante 8 km do Hospital, é que começaram os protestos da população, alegando que isso causava má impressão aos ‘turistas’” (DUARTE, 2009). Os barbacenenses tinham duas visões sobre a loucura: constrangimento e compaixão (PASSOS, 2007; DUARTE, 1996), preferindo esconder as marcas provocadas pelo Hospital Colônia na cidade, uma vez que a loucura era estigmatizada.

5 | CONCLUSÃO

As fontes pesquisadas apontam relações entre a loucura e o divertimento ilícito

possibilitando a compreensão do pensamento médico da época, muito influenciado pelas concepções sociais daquilo que era certo ou errado.

Propõe-se, com a realização deste trabalho discutir as motivações para a internação de pacientes praticantes de divertimentos ilícitos. Espera-se ao longo da pesquisa encontrar casos de internação em que a prática de divertimentos ilícitos seja motivação principal para a internação e que possam auxiliar a compreender as relações entre os divertimentos e a loucura.

REFERÊNCIAS

ARBEX, D. *Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. 1ª.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BURKE, P. *O que é história Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 191 p.

COSTA, J. F. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 4a.ed. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

DUARTE, M. N. *Ares e Luzes para Mentos Obscuras: o Hospital Colônia de Barbacena 1992-1946*. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 1-172. 1996. (1653498-11). Dissertação (Mestrado em História). [mimeo].

DUARTE, M. N. *De “Ares e Luzes” a “Inferno Humano”: concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979*. Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 1-273. 2009. Tese (Doutorado em História).

MACEDO, C. F. A evolução das políticas de saúde mental e da legislação psiquiátrica no Brasil. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, 14 Abril 2006.

MAGRO FILHO, J. B. *A tradição da Loucura: Minas Gerais, 1870/1964*. Belo Horizonte: COOPMED/ EDITORA UFMG, 1992. 1- 159 p. Arquivo: Biblioteca Pública Municipal Honório Armond, em Barbacena – MG, p. 138; 139.

MELO, V. A. D. O Lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. D. *Estudos do Lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. Cap. Lazer, História e Diversidade Cultural, p. 71.

PASSOS, I. C. F. *et al*. Significação da Loucura e Modos: estudo de caso na cidade de Barbacena-MG. *Vivência - Revista de Antropologia*, Natal, n. 32, 2007. ISSN 0104-306.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 3ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. História & Reflexões, 2012. 132 p.

PICCININI, W. J. História da Psiquiatria: Eugenia e Higiene Mental. *Psychiatryonline Brasil*, v. 20, n. 9, outubro 2015. ISSN 13597620.

PORTOCARRERO, V. *Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Coleção Loucura & Civilização, v. 4, 2002. 1-118 p. ISBN 978-85-7541-388-, p. 9.

ROSA, G. *Primeiras Estórias*. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROSA, M. C. *Da pluralidade dos corpos: educação, diversão e doença na Comarca de Vila Rica*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 1-309. 2005. Tese (Doutorado em Educação).

SEIXAS, A. A. A.; MOTA, A.; ZILBREMAN, M. L. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu

Contexto Histórico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – APRS*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 82, 2009.

SOUZA, J. T. Os jogos proibidos no tempo do império. In: MARZANO, A.; MELO, V. A. D. *Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 153-177.